



1

# 1. Museologia

As sociedades há muito procuram selecionar, organizar e expor objetos com o intuito de preservar sua cultura e, para que isso aconteça, o objeto tem como função a representação e a afirmação das muitas identidades humanas. Nesse contexto, surge a Museologia com o intuito de fazer o museu analisar seus paradigmas de preservar e tornar a cultura acessível.

VARINE (apud ROCHA<sup>1</sup>, 1999, p.24) define museu como:

*Instituição preservadora da memória e patrimônio cultural, representados por seus acervos, geradora de uma produção artística preocupada com os processos sociais e com a adoção de um conceito contemporâneo e dinâmico de Museologia.*

A premissa do museu é tornar o indivíduo um ser questionador; é fazê-lo pensar, interrogar, rediscutir o meio no qual se insere. Eles são criados com diferentes propósitos. Alguns resultam da reunião de objetos de legado nacional, outros de pesquisas e coletas científicas de museólogos, há aqueles que surgem para defender princípios de determinados grupos sociais, outros que buscam resgatar uma cultura já quase extinta, enfim, há diversos princípios que norteiam o nascimento de um museu, basta que o indivíduo comece a enxergar seu próprio cotidiano.

Ao mostrar o cenário habitual do ser humano, o museu trabalha com a informação e sua função é a de pesquisar, preservar e comunicar o conhecimento.

Elisa Guimarães Ennes<sup>2</sup> (2003, p.8) ressalta dizendo que:

*O museu ao sair de sua condição de "locutor" de uma narrativa voltada para seus pares, passa a ser entendido como instituição comunicativa, fonte de pesquisa científica e estética, transmissora de conhecimento e disseminadora de informação, podendo ser vivenciado como local onde o contexto cultural é mostrado em toda a sua abrangência.*

Isso faz com que o museu passe a cumprir seu lado educativo. Trabalhar os dados de forma que o museu preste um serviço social a comunidade mostra que o teor de informação a ser transmitido seja cada vez mais qualificado para o público. Porém, Isabel

<sup>1</sup> Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha é Museóloga formada pela Universidade Estácio de Sá (1985), Mestre e Doutora em Ciência da Informação pelo IBICT-UF RJ (1999) e IBICT-UFF (2008). Atualmente é Museóloga do Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Arquiteta formada pela UFSC (1987), especializada em Museologia pela UDESC (2001) e Mestre em Museologia e Patrimônio pela UNI-RIO (2008).

Maria Pinto Duarte Victor<sup>3</sup> (2004, p.86) nos alerta para a distinção entre a instituição museológica e a escolar, mostrando que ambos utilizam metodologias distintas: “museu não é escola: a escola tem o seu campo de ação, o museu é outra educação, é outra coisa. E deve-se defender essa especificidade”.

Desta maneira podemos ver que o museu tem um papel cada vez mais ativo na sociedade e seus questionamentos devem ser permanentes de forma que ele não se torne passível nem neutro. VICTOR (2004, p.86) afirma que “museus neutros, para nós, não existem”, pois um museu neutro não tem a capacidade de questionar, tendo em vista que ele defende um ponto de vista por ser uma instituição ideológica.

Por mais que os museus de hoje sejam mais voltados ao público, abertos a todas as faixas sociais, durante muito tempo eles carregaram o estigma de serem instituições burocráticas e elitistas. Essa forma de pensamento vem sendo interrogada progressivamente a partir da Segunda Guerra Mundial, onde alguns paradigmas foram rompidos e uma nova área museológica passou a ter maiores responsabilidades: a Museologia (Marília Xavier Cury<sup>4</sup>, 2005, p.29).

Com a missão de analisar contextos, características e resultados para preservar a cultura e propiciar conhecimento ao indivíduo, a disciplina museológica tem como objeto de estudo central os museus e sua participação na interação entre o indivíduo e a cultura material. Sua função é fazer com que essas pessoas tenham acesso ao conhecimento de forma instrutiva.

A Museologia vem se adaptando para se adequar aos novos processos culturais de modo que os indicadores da memória sejam valorizados e priorizados, ampliando assim, seu cenário de atuação e intervenção. (BRUNO<sup>5</sup>, 2004, p.52).

Podemos analisar que o museu possui o intuito de preservar objetos referentes à cultura do indivíduo e propor um diálogo entre o visitante, o objeto e a sociedade. Para tal, compete a Museologia propor esse diálogo e fazer com que o cotidiano do indivíduo seja rediscutido constantemente para que alguns paradigmas possam ser quebrados e pensamentos novos surjam.

CURY (2005, p.26) ressalta a importância do museólogo ao dizer que:

“*A análise do papel social do museu inserido nesta teia de relações sócio-culturais que configura a nossa sociedade, constitui-se uma necessidade e um desafio para os profissionais de museus - sobretudo no que tange*

3 Socióloga formada pelo Instituto Superior do Trabalho e de Empresa (ISCTE), em Lisboa. Possui diversos cursos na área de patrimônio cultural, sendo pós-graduada em Museologia Social

4 Museóloga

5 Maria Cristina de Oliveira Bruno Museóloga Licenciada em História pela Universidade Católica de Santos (1975), com especialização em Museologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1980), mestrado em História Social / Pré-História pela USP (1984) e doutorado em Arqueologia pela USP (1995).

*à conscientização do museu como agente informacional, deflagrador de mudanças e transformações na realidade social.*

A Museologia, tratada como disciplina aplicada, possui cinco ideias básicas conforme descreve CURY (2005, p.29):

- *A Museologia como estudo da finalidade e organização de museus;*
- *A Museologia como o estudo da implementação e integração de um conjunto de atividades visando à preservação e uso da herança cultural;*
- *A Museologia como o estudo dos objetos de museu;*
- *A Museologia como o estudo da musealidade e*
- *A Museologia como o estudo da relação específica do indivíduo com a realidade.*

Os museus e a Museologia formam um conjunto de ideias e teorias metodológicas que devem ser aplicadas de forma que o público questione a realidade e questione também a forma como essas ideias estão sendo transmitidas.

Dessa forma, enfocamos o papel da Museologia no museu antigo e no contemporâneo e notamos como seu trabalho sofreu adaptações para que o museu não perdesse sua essência. A cultura vive em constante metamorfose e cada vez mais os museus devem se adaptar às novas tecnologias e pensamentos que surgem.

## 1.1. O papel do museu na atualidade

Atualmente, os museus passaram de conservadores de cultura a interlocutores ativos no diálogo entre o objeto, o espaço museológico e a sociedade. Nesse ponto, há de se ressaltar a importância da Museologia em trabalhar a informação museológica de forma que seja comunicada corretamente ao público.

Pensando nos museus como meios de comunicação, esse deve estar em constante questionamento e adequação aos pensamentos atuais. Pensar que o museu limita-se a preservar um determinado objeto a um público distinto restringe sua capacidade, pois esse tipo de museu remonta de muito tempo atrás.

*Museus não são somente protetores, mas também comunicadores[...] Uma exposição museológica é um exercício num ramo da comunicação de massa, requerendo um tipo especial de entendimento dos processos de comunicação, nomeadamente a natureza dos sistemas de comunicação em massa. (SANTOS, Magaly<sup>6</sup> apud Hodge & D'Souza apud Hooper-Greenhill, 2004, p. 319)*

<sup>6</sup> Magaly de Oliveira Cabral. Museóloga e Mestre em Educação pelo Departamento de Educação da PUC-RJ.

Existem dois tipos de museus: o autocrático e o comunicativo (CURY, 2005, p.37). O museu autocrático tem por função fazer a seleção dos objetos a serem expostos, levá-los ao público sem que haja qualquer tipo de questionamento entre ele, o objeto e o espaço no qual estão inseridos. Já o museu comunicativo, como o próprio nome sugere, pressupõe um museu aberto a discussões e em constante questionamento. Esse novo modelo de museu surgiu da referência de que, assim como a sociedade está em constantes transformações culturais, econômicas e sociais, o museu também tem a função de acompanhar tais transições. Dessa forma, os museus comunicativos trabalham as exposições como ferramenta de discussão entre o objeto, o público e o espaço de forma a comunicar as transformações vividas pela sociedade atual.

Ainda com esse pensamento, HEIZER (apud ROCHA, 1999, p.120) ressalta essa comparação no quadro abaixo entre o museu tradicional (autocrático) e museu novo (comunicativo) de forma que possam ser levantadas mudanças no pensamento e nas práticas museológicas:

| Museu Tradicional              | Museu Novo                        |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| Puramente racional             | Leva em conta as emoções          |
| Especializado                  | Manifesta a complexidade          |
| Orientado para o produto       | Orientado para o processo         |
| Centrado nos objetos           | Tenta visualizar os conceitos     |
| Orientado para o passado       | Interessa-se também pelo presente |
| Aceita unicamente os originais | Aceita cópias                     |
| Enfoque formal                 | Enfoque informal                  |
| Enfoque autoritário            | Enfoque comunicativo              |
| Objetivo científico            | Orientado para a inovação         |

Fonte: Ata do Comitê Argentino do ICOM. la función educativa del museo: un desafío permanente. Buenos Aires, 1992, p.4.

Após essa análise podemos perceber que o museu, ao longo dos anos, foi adaptando-se ao modo de vida contemporâneo e mudando hábitos que eram propostos pelos museus antigos. O ápice dessa mudança foi o modo como as exposições tomaram forma e atingiram públicos diversificados.

Com esse pensamento, Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses<sup>7</sup> (2004, p.208) afirma que o museu "não tem por função replicar a vida, reproduzi-la tal qual, ser seu simula-

<sup>7</sup> Doutor em Arqueologia Clássica pela Sorbonne. Professor titular de História Antiga da FFLCH/USP.

cro. Seria empobrecer tanto a vida quanto o museu e deixar descoberto necessidades da vida de que só ele (ou ele de forma especial) pode dar conta". Ou seja, se utilizar de objetos selecionados de nossa cultura apenas para poder expô-los nos museus sem que nenhum tipo de interrogação possa ser feita é uma forma de empobrecer tanto a vida que está sendo replicada no objeto quanto à própria instituição museológica.

Para isso, iremos notar mais adiante que as exposições e os objetos expostos podem ajudar na forma como o cotidiano do indivíduo deve ser comunicado de forma que seja agregado conhecimento ao público da exposição.

## 1.2. Objeto museal

Se pararmos para definir a palavra "objeto" em nossa civilização, descobriremos que ele não é algo natural, pois não se refere a um animal ou planta como objeto, mas como coisa que passará a ser reconhecido como tal quando lhe for dado uma função. SCHEINER (apud ENNES, 2003, p.2) complementa ao dizer que "a pedra só se tornará objeto quando promovida ao posto de peso para papéis", que a princípio é algo com características passivas, mas que ao sofrer intervenção do mundo exterior (indivíduo) passará a ser manipulado assumindo um novo papel, para assim podermos nomeá-la como sendo um simples objeto. A palavra coisa e objeto, geralmente são confundidas quando buscamos tal definição, porém, podemos dizer que coisa é tudo aquilo que existe independente do espírito, ela existe por si mesmo, diferente do objeto, a coisa é um objeto inanimado.

Partindo deste princípio, podemos dizer que o objeto retém as informações referentes aos sistemas sócio-culturais onde estão inseridos já que sofrem intervenções do indivíduo para de fato existir. O objeto, por ser um meio de suporte de informações deve ser preservado ao lado de outros meios de informação. Com isso, podemos enfatizar que os museus herdaram os hábitos de reunir e guardar objetos além de preservá-los ao longo da história, dando destaque as famosas coleções superando os limites da transitoriedade humana. Seguindo esse mesmo pensamento Waldisa Rússio Camargo Guarnieri<sup>8</sup> (1990, p.8) ressalta que o "objeto é tudo o que existe fora do homem, aqui considerado um ser inacabado, um processo." assim podemos dizer que o objeto completa o indivíduo. Ele funciona como uma extensão do ser humano onde somente existe através de uma lapidação externa, feita pelo homem agregando valor a ele como ferramenta ou como objeto decorativo.

SCHEINER (apud ENNES, 2003, p.3) nos esclarece por definição que todo museu efetua uma seleção no mundo dos objetos, caso contrário "ele seria levado a admitir que o mundo seja o museu de si próprio, isto é, seria negar sua própria existência".

<sup>8</sup> Formada em Direito pela USP (1959). Mestre em Museologia pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

A noção de preservação do objeto nos pensamentos museológicos se dá pelos problemas ligados às “coisas” sendo feitas ou mesmo transformadas pelo indivíduo, porém somente o objeto não consegue em uma exposição museológica, faltam elementos para desenvolver uma narrativa, ao contrário dos textos que conseguem isso por si só. O objeto sozinho não narra, ele apenas faz parte de uma narração, isso voltado para o viés do conjunto todo da exposição, onde podemos localizar elementos como o espaço, tema e mesmo o tempo. NASCIMENTO<sup>9</sup> e ALMEIDA<sup>10</sup> (2001, p. 4) reforçam esse pensamento dizendo que:

*Cada objeto selecionado pela convergência de produção, uso e herança histórica, estabelece elos relacionais entre diversos atores sociais. Assim, uma exposição de objetos forma uma rede de atores entre os quais esses elos selam um equilíbrio de forças.*

Assim sendo, podemos observar que o objeto é um portador que carrega consigo os anseios da pessoa que o criou e esse sentimento vai de encontro com as expectativas e experiências dos envolvidos com o objeto (profissionais do museu e público-alvo).

O objeto foi um dos responsáveis pelos questionamentos no final do século XX sobre os significados culturais e sociais e marcou o início do museu comunicativo, que para se estabelecer não somente como mais um movimento de estrutura arquitetônica, fez a relação entre o objeto museal e o visitante, dando o primeiro passo para a construção da nova Museologia.

### 1.3. Indivíduo (visitante)

O museu é a necessidade do indivíduo em reunir e organizar tudo aquilo que lhe pertence, ou seja, são os seus costumes, vontades e sentimentos representados na forma física pelos objetos e estes terão a função de simbolizar o meio onde o indivíduo está inserido. Essa relação entre o objeto e o indivíduo é completada por GUARNIERI (1990, p.8):

*Este ser inacabado, este processo condicionado pelo seu meio, capaz de criar, percebe o objeto existente fora de si; não só percebe como lhe dá função, e lhe altera a forma ou a natureza, cria artefatos.*

<sup>9</sup> Sylvania Sousa do Nascimento é graduada em Física pela UFMG (1983) e Mestre em Ciências Físicas.

<sup>10</sup> É professora titular na área de Metodologia de Ensino: Física na Universidade Estadual de Campinas atuando principalmente junto ao programa de Pós-graduação em Educação e na Licenciatura em Física

Essa percepção do indivíduo em relação ao objeto ocorre pelas diferentes articulações existentes na cultura. Antigamente, o indivíduo preocupava-se em preservar a história. Hoje ele percebe no objeto uma forma de entender o nascimento das mais diferentes sociedades, que passaram a ser comunidades mescladas com os mais diversos tipos de costumes.

A diversidade cultural existente permitiu ao indivíduo levantar questionamentos sobre o meio onde ele vive. GUINSBURG (apud MARTINEZ<sup>11</sup>, 2002, p.12) completa que ao preservar sua história e cultura, o indivíduo estará em uma constante busca de si próprio: “o centro de si mesmo, do sentido de seu viver; e seu estar-no-mundo, perdidos os demais focos de ordenação, constitui-se no âmago de todo e qualquer significado de sua existência e a do mundo, para ele”. Max Weber (apud GEERTZ<sup>12</sup>, 1989, p.15) reforça essa ideia dizendo que “o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu” e a dialética da Museologia é a interpretação dessa busca constante do indivíduo pelos significados. Um bom exemplo são as ações do indivíduo no meio onde ele vive: são comportamentos que geram um símbolo, uma interpretação que será explicada na sua forma de uso e como essa ação interfere no cotidiano de determinado grupo social e o contexto formado pela observação dessas informações são as geradoras da formação da cultura.

Desde muito tempo, a vivência na sociedade é contada por meio da história. Dessa forma, as transformações do indivíduo determinaram uma nova linha de pensamento para os museus, que segundo LE GOFF (apud ROCHA, 2005, p.34), é “organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história”

Isso permite analisar a troca de papéis que ocorreu na civilização ao longo dos anos: o museu passou a perceber que a história está na vivência de cada indivíduo e na sua relação com o coletivo e o foco do museu passou de preservar a história dos grandes homens da humanidade para a busca das grandezas do universo no indivíduo comum, indivíduo esse que ao longo dos anos foi transformando a si próprio e, conseqüentemente, o espaço onde está inserido. LE GOFF (apud ROCHA, 2005, p.36) descreve que os “verdadeiros lugares da história” - os que criam e atribuem significado à memória coletiva” são os “estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória.” A organização dos objetos no museu constitui a memória coletiva de um determinado grupo social e a interpretação deste constitui a memória individual de cada indivíduo presente nesse grupo. Nesse âmbito, a Museologia constrói uma memória, denominada social ou cultural que será baseada nos significados que formam

---

<sup>11</sup> Elisa de Souza Martinez é professora do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arte. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, eleita para o triênio 2007-2009.

<sup>12</sup> Clifford James Geertz foi um dos mais importantes antropólogos do século XX. Formado em filosofia e inglês, obteve seu PHD em Antropologia e pesquisou e publicou diversas no campo de estudo do etnocentrismo.

---



a memória coletiva e individual. LE GOFF (apud ROCHA, 2005, p.34) explica que isso acontece porque “a memória coletiva é construída a partir da memória individual e serve de subsídio para elaboração de uma memória social que registra a ideologia de diferentes épocas e grupos sociais.” O objeto e o indivíduo têm papel importante na formação dessa memória social, pois eles conectam e se reconectam por meio de percepções e ideias e o museu tem a missão de apresentar o objeto ao indivíduo em uma nova perspectiva, gerando assim no indivíduo a reflexão e a criação de novos objetos. Scheiner (apud ROCHA 2005, p.35) enaltece que a memória é “uma reconstituição do que já foi construído, a partir da visão de mundo atual do indivíduo ou grupo.”

Quando o museu faz o seu trabalho de preservar os objetos, indo além de guardar e organizar, ele está criando um paralelo entre o passado e o presente, despertando no indivíduo lembranças e instigando múltiplas recepções. A partir da vivência dessas lembranças, a memória social permite à Museologia a criação de signos.

## 1.4. Espaço expositivo

Para entendermos a importância do espaço nos museus é preciso compreender a diferença entre lugar e espaço: o lugar é fixo, delimitador da distribuição dos elementos ali presentes e o espaço é o “cruzamento de vários lugares”, onde seus elementos podem ser deslocados, provocando uma alteração dos significados dos itens ali dispostos. (CERTAEAU apud SANTIAGO<sup>13</sup>, 2002, p. 2). É no espaço que acontece a relação entre o objeto e o indivíduo, pois é nesse ambiente que as diferentes culturas e a dialética da comunicação acontecem.

O espaço expositivo, durante muitos anos, esteve presente nas artes apenas como um suporte para as obras. Essa visão do espaço começou a mudar quando, no início do século XX, os artistas modernistas começaram a improvisar espaços para realizar suas exposições, por falta de verba para conseguir alugar algum estabelecimento. Esse era o início de uma discussão acerca de como a obra poderia ser exposta no espaço. Os artistas conservadores não aceitavam que as obras poderiam ser colocadas em outro lugar que não fossem aqueles estabelecidos, como os museus e as galerias.

Surgia assim uma nova expografia, denominada de cubo branco, onde o espaço ganhou notoriedade ao ser observado como um elemento fundamental para a transição do museu autocrático para o museu comunicativo. Brian O’Doherty<sup>14</sup> (2003, p. 87) complementa dizendo que o espaço foi determinante para que muitas obras de artistas fossem reconheci-

---

<sup>13</sup> Debora Maria Santiago é Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil (2007) e assistente do Ybakatu Espaço de Arte, Brasil

---

<sup>14</sup> David Moreno Sperling é Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP (2008).

das, indo além de um mero quadro na parede ou uma simples exposição. É possível notar também que as experimentações nos espaços expositivos fizeram parte do desenvolvimento da sociedade e miscigenação das culturas. David Sperling<sup>15</sup> (2002, p.1) ressalta que:

*Por sua vez, as conexões entre os termos espaço e cultura, centrais na conformação da paisagem contemporânea, são estruturais para a reflexão sobre as dimensões relacional e comunicativa que compõem os museus na atualidade.*

Esses novos paradigmas permitiram ao espaço atuar com sua real função na exposição: o mediador do encontro do visitante com a obra, se tornando um local de intensa dialética de significados, ampliando as funções e valores do objeto.

<sup>15</sup> David Moreno Sperling é Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP (2008).

---

